

DISCUTINDO DIFERENÇA RACIAL COM IMAGENS DENTROFORA DA ESCOLA

Cristiano Sant'Anna
Renato Alves de Carvalho Junior

UERJ/PROPED
UERJ/PROPED

Resumo:

Essa pesquisa de doutorado já concluída, partindo das premissas dos estudos nos/dos/com os cotidianos, teve como objetivo pensar questões raciais na escola e na nossa sociedade, com imagens compartilhadas por estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Abdias Nascimento, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense/RJ. Para este texto utilizamos as noções de diferença racial tecidas com essa prática em suas articulações com as narrativas que engendraram. As imagens em questão foram compartilhadas na rede social da internet Facebook, em páginas correspondentes a grupos criados para este fim, denominados #Diferença e que operaram como dispositivo de pesquisa-intervenção, situando-se em um contexto que enunciamos como “sociedade do compartilhamento”. Buscamos pensar com fragmentos das redes de significações tecidas no momento em que eram compostas, problematizando conceitos, representações, dogmas e rupturas em relação a perspectivas tradicionais e hegemônicas da noção de diferença racial. As imagens, acompanhadas de suas narrativas/análises, nos deram pistas para pensar nos múltiplos atravessamentos e bricolagens entre imagens e ideias de diferença racial que são criadas e circulam nas múltiplas redes educativas.

Palavras-chave: Diferença, Imagens, Racismo.

É mole de ver
que em qualquer dura
o tempo passa mais lento pro negão
quem segurava com força a chibata
agora usa farda
engatilha a macaca
escolhe sempre o primeiro
negro pra passar na revista
pra passar na revista.

O Rappa

Introdução

Clicar, postar, compartilhar, curtir e comentar vídeos, imagens e textos nas redes sociais na internet faz parte do nosso cotidiano para uma sociedade do compartilhamento (SANT'ANNA, 2017).

Para além da internet, milhares de imagens são produzidas e circulam todos os dias nos vários meios de comunicação, seja na televisão, no cinema, nos espaços públicos e privados, em nossa casa, nossa vida... Imagens estão, o tempo todo, à nossa volta, e constituem um dos mais importantes modos pelos quais vemos, aprendemos, pensamos, narramos e tecemos o presente.

Com essa pesquisa de doutoramento já concluída, que se propôs a pensar com imagens da diferença compartilhadas por/com alunos do terceiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do Estado do Rio de Janeiro, o Colégio Estadual Abdias Nascimento, na Baixada Fluminense, buscamos pensar fragmentos nas redes de significações engendradas no momento em que são tecidas para problematizar conceitos, representações, dogmas e rupturas em relação às concepções hegemônicas da diferença racial, forjadas com diversos modos de praticar/usar imagens em suas articulações, com diferentes discursos que circulam na sociedade, tais como produção, recepção, compartilhamento, comentários, apropriações e ressignificações. Para isso, atuamos em diferentes *espaçostempos* da escola em questão, ou seja, nas salas de aula e também no *Facebook*, nos grupos/páginas criadas especificamente em função desse estudo.

Os alunos da turma que foi escolhida para a pesquisa foram convidados a postar uma imagem que, para eles, significasse a “diferença”, em grupos na rede social da internet, o Facebook, criados para este fim. Com essa finalidade, foi criada uma página para cada grupo nessa rede social que operou como dispositivo para a pesquisa.

Nossa proposta foi pensar, com esses estudantes e as imagens por ele apresentadas, o que elas são apontadas como imagens da diferença e também o que essas imagens produzem como diferença, assim como na tese¹, destacaremos para esse trabalho algumas imagens nas quais estão inseridas no item #diferença racial.

Imagens e a #Diferença Racial

As imagens compartilhadas nesse item que denominamos “#Diferenças Raciais”, indicam que muitos estudantes entendem que falar de diferença é falar de raças diferentes, principalmente, na dicotomia/tensão entre negros e brancos. Essa relação se insinua nas imagens e falas que se seguem.

Muito embora a diferença racial se apresente em várias imagens compartilhadas pelos estudantes, as falas, em sua grande maioria, têm um tom que remete à tolerância, tal qual o mito da

¹ #DIFERENÇA: pensando com imagens dentrofora da escola, disponível em www.proped.pro.br

“democracia racial”, que muito embora questionável, se configura como aceitável no nosso país, mesmo na contemporaneidade.

A primeira imagem compartilhada já nos induz a esse “mito”, quando aparecem duas mãos unidas, uma negra e outra branca demonstrando uma suposta igualdade.

Seguimos com elas e as postagens dos estudantes:



Para o estudante Z: “Porque são pessoas de raças diferentes. Porque a primeira coisa que veio em mente, foram as diferenças raciais.”

Para o estudante T: “Independente de como sejam as pessoas, raças etc., devemos aceitar a diferença do outro, não deixando levar pela ignorância de rejeitar o outro”.

Para a estudante U: “Independente de qualquer diferença todos temos os mesmos direitos, ninguém, por ser diferente, deve se achar inferior. As mãos dadas representam união de forças”.

Para a estudante V: “Infelizmente, o mundo em que vivemos ainda é movido pelo preconceito, principalmente, o racial. Enquanto houver diferença entre raças, diferenças sociais, viveremos nesse mundo fútil e banal”.

Para estudante S: “Cor da pele não define caráter de ninguém, podemos amar e conviver com seres diferentes de nós”.

Para o estudante W: “Um tipo de diferença racial. A única coisa que se difere é a cor da pele. Caráter, personalidade e sentimentos estão dentro e, por dentro, somos todos iguais”.

Apesar da imagem acima sugerir harmonia, uma convivência harmoniosa e amigável, o estudante que a interpreta com suas redes de experiências, refuta essa sugestão e, de alguma forma, sinaliza para o preconceito.

Preconceito esse que está presente todos os dias no nosso cotidiano, porém, mesmo sendo tão presente, as falas nos remetem à ideia de tolerância e aceitação, união das forças. Mas não é isso que podemos ratificar. A desigualdade entre negros e brancos, na sociedade brasileira, se faz muito presente. As pesquisas

apontam, todo momento, para as desigualdades que permeiam a “diferença” chamada racial entre negros e brancos.

Mesmo no século XXI, cento e trinta anos que completaremos no próximo 13 de maio da Abolição da Escravatura, nossa sociedade encontra-se envolta de tantos preconceitos e com tantos outros acreditando nas aceitações toleráveis entre negros e brancos.

A próxima imagem compartilhada e que nos aproxima da ideia de “diferença racial”, não traz um negro ou branco explicitamente, mas de forma figurada – um bonequinho amarelo dentre tantos outros bonequinhos brancos.



Para a estudante Y: “Eu escolhi essa imagem porque ela dá a entender que, independente da cor e das diferenças, todos somos iguais, pois todos temos problemas e, no dia a dia que estamos vivendo, as pessoas julgam muito por essas diferenças, muitos que julgam ainda não superaram o racismo, mas todos temos os mesmos direitos e deveres; nessa sociedade, ninguém pode ser incomum. Todos temos que respeitar uns aos outros e seguir as leis.”

Para a estudante T: “Achei que essa foto transmite uma diferença comum, que é como ser diferente no meio de tanta gente.”

Para a estudante U: “Aqui notamos que há um ser entre muitos se diferenciando pela sua cor.”

Para a estudante V: “Parece ser uma pessoa que se sente sozinha em meio a tantas por ser diferente.”

Para a estudante S: “Nota-se que há diferença na cor da pele, porém todos são iguais.”

Para a estudante W: “Mostrar-se que, mesmo sendo o ‘diferente’ de um grupo social ou algo do tipo, não se deve ter vergonha ou medo de assumir ser diferente.”

Embora esses comentários nos levem à compreensão da “diferença racial”, destacamos que alguns comentários desta última imagem compartilhada saem da ideia binária diretamente ligada ao negro e ao branco com a identidade fixada no metro padrão, tais como: “Parece que a pessoa se sente sozinha em meio a

tantas por ser diferente” ou “Aqui notamos que há um ser entre muitos se diferenciando pela sua cor”, ideias bricoladas à singularidade e à multiplicidade.

O que não é nem individual nem pessoal, ao contrário, são as emissões de singularidades enquanto se fazem sobre uma superfície inconsciente e gozam de um princípio móvel imanente de auto-unificação por distribuição nômade, que se distingue radicalmente das distribuições fixas e sedentárias como condições das sínteses de consciência. (DELEUZE, 1982, p. 105).

De qualquer forma, alguns sentimentos foram associados à imagem associada à ideia de diferença: dor, medo, vergonha. E ainda destacamos: “Muitos que julgam ainda não superaram o racismo, mas todos temos os mesmos direitos e deveres; nessa sociedade, ninguém pode ser incomum”. Entendemos que a diferença racial é muito marcada nas sociedades, sobretudo na sociedade brasileira. Historicamente, fomos o país com o maior quantitativo de negros escravizados no processo forçado ao qual denominamos diáspora africana. Também o Brasil foi o último país do mundo a abolir oficialmente a escravidão.

A próxima imagem mostra duas mãos, uma branca maior e uma negra menor, de certa forma, juntas. Inicialmente, já nos deparamos com a ideia hegemônica da mão branca ser maior que a negra, mostrando superioridade. Pela primeira vez, quem compartilhou a imagem mencionou, em seu comentário, fazer uma denúncia de racismo, como segue abaixo, grifado por nós.



Para a estudante 9: “**Nesta imagem, podemos observar a diferença de cor de pele. Devemos aprender a repudiar todo e qualquer tipo de discriminação, seja ela racial, de classe social, de idade ou preferência sexual, entre outras tantas. A base de tudo é o respeito, pois respeitando uns aos outros viveremos bem melhor na sociedade. Escolhi essa imagem na intenção de fazer uma denúncia, já que atualmente temos visto casos de discriminação racial, principalmente, no futebol**”.

 (grifos nossos)

Para a estudante 10: “O racismo é um dos preconceitos mais banais que existe, pois a cor não define caráter; não define a pessoa. O que define alguém é o seu pensamento, o que é falado, o que é dito, o que feito, isso define seu caráter”.

Para a estudante 11: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”

Para a estudante 12: “A cor da pele não define nada. Somos diferentes em nossos pensamentos, atitudes e caráter, pois, isso sim, sabemos como são realmente as pessoas. Mas sempre respeitando um ao outro.”

Para o estudante 13: “Acho que não tem nada a ver a cor da pele de alguém e sim seu caráter.”

Para o estudante 14: “Devemos, cada vez, olhar para nós mesmos antes de julgar os outros, pois todos nós temos defeitos e não há ninguém perfeito!”

Embora a intenção da imagem tenha sido denunciar o racismo, ela manteve a ideia do respeito, cordialidade e tolerância entre raças ou de fazer a ligação da cor da pele com o caráter da pessoa.

Vale destacar que o comentário da estudante 11 é uma frase conhecida de Nelson Mandela, muito utilizada em *posts* sobre racismo, disponível em sites de busca e que foi apropriada e deslocada para o contexto do trabalho.

Somos considerados o maior país negro fora da África e, apesar dos conflitos e das desigualdades social, econômica e política articuladas à cor da pele, convivemos com o mito da democracia racial. Observamos cotidianamente que nossa população, em sua grande maioria, sendo negra, não se vê ou se afirma como negra.

A palavra “raça” embora não exista no sentido biológico, ainda é um termo muito utilizado e que divide esse binarismo entre negros e brancos. Para Foucault (2010, p. 65):

[...] nesse discurso em que se trata da guerra das raças e em que o termo “raça” aparece bastante cedo, fica bem claro que essa palavra mesma – “raça” – não é pregada a um sentido biológico estável. No entanto, essa palavra não é absolutamente variável. Ela designa, finalmente, uma certa clivagem histórico política, ampla sem dúvida, mas relativamente fixa. Dirão, e nesse discurso, dizem, que há duas raças quando se faz a história de dois grupos que não tem a mesma origem local; dois grupos que não têm, pelo menos na origem, a mesma língua e em geral a mesma religião; dois grupos que só formam uma unidade e um todo político à custa de guerras, de invasões, de conquistas, de batalhas, de vitórias e de derrotas, em suma, de violências; um vínculo que só se estabeleceu através da violência e da guerra. Enfim, dirão que há duas raças quando há dois grupos que, apesar de sua coabitação, não se misturam por causa de diferenças, de dissimetrias, de barragens devidas aos privilégios, aos costumes e aos direitos, à distribuição de fortunas e ao modo de exercício do poder.

O racismo, que assola a sociedade, se mostra cada vez mais presente na sociedade, nos campos de futebol, nos transportes públicos, nas salas de aula, nas escolas, nas faculdades e nas redes sociais da internet.

Infelizmente, muitas vezes nos *espaçostempos* escolares, a discriminação racial acontece e acaba sendo ratificada pelos que deveriam estar lá para coibir essas atitudes segregacionistas, conforme denunciou um estudante:

“Infelizmente o mundo em que vivemos ainda é movido pelo preconceito principalmente o racial. Enquanto houver diferença entre raças, diferenças sociais, cultura, viveremos nesse mundo fútil e banal.” - “cor da pele não define caráter de ninguém, podemos amar e conviver com seres diferentes de nós.” - ”Um tipo de diferença racial. A única coisa que se difere é a cor da pele. Caráter, personalidade e sentimentos estão dentro; e, por dentro, somos todos iguais.”

Na maioria dos comentários das imagens compartilhadas, observamos que muitos estudantes também expressam o discurso de que “somos iguais”, “temos os mesmos direitos”. Com isso, nos aproximamos do ”Multiculturalismo” em sua versão neoliberal, apaziguadora e celebratória, com a ideia de convivência harmônica entre diferentes culturas.

Em geral o chamado “multiculturalismo” apóia-se em um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito para com a diversidade e a diferença. É particularmente problemática, nessas perspectivas, a ideia de diversidade. Parece difícil que uma perspectiva que se limita a proclamar a existência da diversidade possa servir de base para uma pedagogia que coloque no seu centro a crítica política da identidade e da diferença. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas. São tomadas como dados ou fatos da vida social diante dos quais se deve tomar posição. Em geral, a posição socialmente aceita e pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância para com a diversidade e diferença. [...] (SILVA, 2013, p. 73).

Na teoria educacional, o multiculturalismo está intimamente ligado aos estudos e políticas curriculares que tiveram sua origem nos Estados Unidos. Candau (2008) nos aponta que o multiculturalismo não surgiu no berço das universidades, mas sim nas lutas dos movimentos sociais onde são atravessados principalmente nas questões étnico raciais da luta do povo negro. E, apesar dessa perspectiva crítica, Silva (2011, p. 85) sugere que:

[...] O multiculturalismo podem ser visto, entretanto, também como uma solução para os “problemas” que a presença de grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países, para a cultura nacional dominante. De uma forma ou de outra, o multiculturalismo não

pode ser separado das relações de poder que, antes de mais nada, obrigaram essas diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço. [...]

O multiculturalismo se apresenta como resposta às lutas dos grupos culturalmente oprimidos na sociedade, tais como os negros, como uma estratégia política de reconhecimento e representação da diversidade cultural existente.

Peter McLaren (2000 apud CAPUTO, 2012) nos apresenta o multiculturalismo empresarial ou conservador, o multiculturalismo humanista liberal, o multiculturalismo liberal de esquerda e o multiculturalismo crítico e de resistência.

O multiculturalismo conservador entende que a diversidade cultural, sexual ou racial deve ser assimilado pela cultura tradicional, hegemônica, definida por padrões brancos, euro-americanos e patriarcais. Pretende, assim, uma cultura comum, nacional e unitária. Caputo (2012, p. 250) esclarece que nesse tipo de multiculturalismo “as pessoas afro-americanas são representadas como escravos, como serviçais e como aqueles que divertem os outros”.

E ainda: “Não interroga regimes dominantes de discursos e práticas culturais e sociais que estão vinculadas à dominação global e que estão inscritas em convicções racistas, classistas, sexistas e homofóbicas” (CAPUTO, 2012, p. 250).

O multiculturalismo humanista liberal aponta que vivemos numa cultura igualitária em termos de raça ou sexo e aponta para desigualdades provocadas pelo capitalismo, principalmente, em relação à educação. Também propõe políticas de assimilação como no multiculturalismo conservador. “Essa equivalência cognitiva permite a competição igual entre as raças em uma sociedade capitalista” (CAPUTO, 2012, p. 251).

Mais atento aos modos de operar do poder e do privilégio, o multiculturalismo liberal de esquerda aponta as diferenças culturais ditadas por classe, raça e sexualidade: “Enfatiza a diferença cultural e sugere que a ênfase na igualdade das raças abafa aquelas diferenças culturais importantes, entre elas”; ou seja: “As que são responsáveis por comportamentos, valores, atitudes, estilos cognitivos e práticas sociais diferentes [...]” (CAPUTO, 2012, p. 251).

O multiculturalismo crítico ou de resistência procura mudar as condições históricas e sociais que naturalizam os sentidos culturais e não somente desestabilizar as culturas dominantes, mostrando que não existe uma identidade comum na sociedade e sim identidades que são definidas através dos contextos, quer seja do poder, do discurso e da cultura. Com Caputo (2012), complementamos:

Inquieto e instigante, McLaren publica em nosso país, também em 2000, seu livro *Multiculturalismo revolucionário* – pedagogia do dissenso para o novo milênio. O novo conceito de *multiculturalismo revolucionário* procura aprofundar ainda mais sua crítica à sociedade discriminatória. Na verdade, o autor não chega a fazer uma grande distinção entre multiculturalismo crítico e revolucionário. Muitas vezes ele se refere ao novo termo “revolucionário” como se falasse do “crítico”. O que constatei é que McLaren enfatiza ainda mais a luta contra o capitalismo e defende abertamente o que chama de socialismo revolucionário. (CAPUTO, 2012, p. 251, grifo do autor).

Candau (2008) nos aponta duas abordagens multiculturalistas, que são a descritiva e a propositiva. Na abordagem descritiva, cada contexto histórico, político e sociocultural determina as configurações do multiculturalismo, bem como afirma que o multiculturalismo é parte da sociedade contemporânea. A perspectiva propositiva tenta transformar a dinâmica da sociedade através de políticas públicas, numa “radicalização da democracia”.

Na perspectiva propositiva, a autora elenca três abordagens – multiculturalismo assimilacionista, o multiculturalismo diferencialista e o multiculturalismo interativo ou interculturalidade, que destacamos:

A abordagem assimilacionista parte da afirmação de que vivemos numa sociedade multicultural, no sentido descritivo. Nessa sociedade multicultural não existe igualdade de oportunidade para todos(as). Há grupos, como indígenas, negros, homossexuais, pessoas oriundas de determinadas regiões geográficas do próprio país ou de outros países e de classes populares, e/ou com baixo nível de escolarização, com deficiência, que não têm o mesmo acesso a determinados serviços, bens, direitos fundamentais que outros grupos sociais, em geral, de classe média ou alta, brancos, considerados “normais” e com elevados níveis de escolarização. Uma política assimilacionista – perspectiva prescritiva – vai favorecer que todos/as se integrem na sociedade e sejam incorporados à cultura hegemônica. No entanto não se mexe na matriz da sociedade, procura-se integrar os grupos marginalizados e discriminados aos valores, mentalidades, conhecimentos socialmente valorizados pela cultura hegemônica [...]. Uma segunda abordagem pode ser denominada de multiculturalismo diferencialista. Esta abordagem parte da afirmação de que quando se enfatiza a assimilação termina-se por negar ou por silenciá-la. Propõe então colocar a ênfase no reconhecimento das diferenças. Para garantir a expressão das diferentes identidades culturais presentes num determinado contexto afirma ser necessário garantir espaços próprios específicos em que estas se possam expressar com liberdade, coletivamente. Somente assim os diferentes grupos socioculturais poderão manter suas matrizes culturais de base. Algumas das posições nesta linha terminam por ter uma visão estática e essencialista da formação das identidades culturais. (CANDAU, 2008, p. 20-21).

A autora assume sua posição em favor da interculturalidade. Propõe um multiculturalismo aberto e interativo, que acentue a interculturalidade, a qual considera mais adequada à construção de sociedades democráticas e pluralistas, articulando políticas de igualdade com políticas de identidade.

Tal perspectiva promove a interrelação entre diferentes grupos culturais presentes em uma determinada sociedade e rompe com uma visão essencialista das culturas e das identidades culturais.

Concebe as culturas em contínuo processo de elaboração, de construção e reconstrução, pois as culturas têm sim suas raízes, mas também são históricas e dinâmicas.

Outra característica importante desta perspectiva multicultural é a consciência dos mecanismos de poder que permeiam as relações culturais. Essas relações culturais estão construídas na história e, portanto, são galgadas por relações de poder e fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de alguns grupos étnicos.

A perspectiva intercultural que defendo quer promover uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (CANDAUI, 2008, p. 23).

Nesse entrecruzamento de ideias, o multiculturalismo nos ajudou a ir de encontro com o pensamento da maioria das postagens relativas à ideia da “diferença racial”. Cabe a nós pensar como a ideia de igualdade se fez presente nos comentários desses estudantes, sem problematizar as desigualdades que são tão presentes no nosso cotidiano.

Alguns pensamentos à guisa de uma conclusão

Muitos jovens na sala de aula eram negros. Nenhum desses jovens relatou um preconceito que tivesse vivido ou vivenciado. Ninguém citou que negros sofrem discriminação nas escolas, são apelidados dos mais variados “insultos raciais” (GUIMARÃES, 2002), tais como “macaco”, “gorila”, “picolé de asfalto”, “nega fedida”, dentre outros.

Muitos negros são sempre apontados ou confundidos como assaltantes e criminosos, cerca de 70% dos jovens mortos no Brasil são negros, troca-se de calçada quando se está sozinho na rua e se avista uma pessoa negra andando em sua direção.

Mulheres e homens negros têm seu corpo e cor ligados ao prazer carnal, objeto de uso e desejo pelos seus dotes sexuais.

Nas próprias escolas, professores negros são minoria, nas universidades menos ainda. Embora a diretora geral da escola pesquisada fosse negra, isso não acontece com frequência em outras escolas. Muitos negros estão na escola como faxineiros, porteiros, cozinheiros.

Não observamos uma grande quantidade de negros e negras na televisão, cinema, desfiles de moda, comerciais, como também nos altos cargos de grandes empresas e, principalmente, na política.

Se os negros são a maioria da população brasileira, deveriam ocupar estes espaços na mesma proporção. Mas, não temos essa proporcionalidade refletida no nosso cotidiano.

Com tudo isso, uma única denúncia de racismo foi apontada por uma estudante ao compartilhar a imagem escolhida, destacando o racismo no futebol onde jogadores sofrem insultos raciais nos campos de futebol, sendo chamados de “macacos”, com a torcida imitando som de gorila e com banana jogada no campo de futebol, como aconteceu com celebridades do nosso futebol.

Mesmo com todo esse racismo estampado e divulgado, quando voltando às postagens e imagens compartilhadas por nossos estudantes da pesquisa, fica subentendido que, pela maioria das postagens, o respeito e a tolerância são suficientes para a convivência harmônica entre negros e brancos na nossa sociedade, com a nossa cultura.

E para pensarmos com Joaquim Nabuco (2012) em frase muito antiga: “A escravidão permanecerá por muito tempo como característica nacional do Brasil”, pois, infelizmente, ainda temos uma naturalização do racismo na sociedade brasileira.

É importante destacar que os comentários dos estudantes parecem se adequar a uma prática e a um entendimento frequentes nas escolas e na sociedade, que é condenar o racismo como uma atitude individual e não questioná-lo como uma produção social, cultural e política no contexto das relações de poder. Combate-se o racista e continua-se a produzir o racismo em diferenças esferas da vida cotidiana.

Referências

CANAU, Vera M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio F.; CANAU, Vera M.(Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.13-35.

CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos terreiros e como a escola se relaciona com crianças de candomblé*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2012.

DELEUZE, Gilles. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1982

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classe, Raças e Democracia*. São Paulo: Editora34, 2002.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo: Editora 34, 2012.

SANT’ANNA, Cristiano. *#DIFERENÇA: pensando com imagens dentrofora da escola*. Tese de doutorado, Proped/UERJ, 2017. Disponível em www.proped.pro.br